

Miguel Rodrigues da Silva

Sem medo de viver

1ª Edição - 2011

Miguel Rodrigues da Silva

ISBN: 978-85-7893-861-1

1ª Edição
Janeiro 2011

Sem Medo de Viver

*As promessas de Deus são como as
estrelas; quanto mais escura a noite,
mais forte é o seu brilho.*

David Nicholas



Esta é a biografia de Dorival Rodrigues da Silva como um tributo devido à sua vida de virtudes que a tornou singular. Alguns nomes foram mudados ou omitidos intencionalmente para não constranger ninguém.

Meus agradecimentos

A professora Neide Ramiro Fracasso pela
correção e revisão, e pelas valiosas sugestões;

Ao pastor Lourival e sua esposa Leonice,
evangelista José Carlos e sua esposa Bete, assim como
minha amiga Juliana Falconi por compartilharem
comigo a terrível dor da perda de meu irmão;

Aos meus filhos e à minha neta, por estarem
comigo nesse momento difícil;

Em especial, à Diana que me levou à casa do
Bravo onde o Senhor me confortou;

À minha esposa Luzia que chorou comigo;

À igreja de Morro Agudo pelo apoio;

Ao Bravo e a toda sua família, em especial à
Luana, vaso do Senhor, usado para me consolar,
E a Deus, que nos concedeu o dom da vida, e me
abençoou com o privilégio de registrar a história.

A Ele, toda glória, todo louvor e a minha eterna
gratidão.

Ao meu amado Salvador Jesus, que Se entregou
para nos livrar de uma terrível condenação e que
esteve o tempo todo cuidando de nossas frágeis vidas,
havendo consumado Sua obra na vida de meu irmão
Dorival, acolhendo-o no Paraíso para que um dia nos
encontremos todos em Sua santa presença...

E ao meu querido amigo, o meu irmão Dorival,
pela sua amizade, consideração e respeito durante
longos anos de sua vida, havendo deixado em seus
filhos a semente da amizade, do carinho e do
respeito...

À minha irmã Cidinha, aos meus sobrinhos
Gláucia, Juninho e Elaine, e Denílson, e às netas-
sobrinha Mariana e Júlia, e o varão da família, Victor
Emanuel, por todo o amor e respeito que me
dedicaram sempre e incondicionalmente...

À minha grande amiga, a professora Eucilene pelo
incentivo em prestar o concurso de 2003, no qual me
efetivei como PEBII, e por sua linda amizade...

À Bia pelo carinho da amizade de longos anos...

À Karina e à sua família pela linda amizade...

À Carminha pelo apoio, amizade, incentivo...

dedico este.

Caiu como cai todo valente na peleja,
Mas não deixou prevalecer a covardia.
Verteu seu sangue na morte;
Partiu antes que raiasse um novo dia!

Ouço seus passos chegando
Na hora do culto ao Senhor
Onde anunciava a todos
Sua salvação e Seu grande amor.

Sua doce voz a cantar
As suaves e lindas melodias.
Suas mãos a dedilhar
Agradecendo por tantas alegrias!

Você nos deixou, meu querido!
Tremendo vazio ficou!
Covardes assassinos
Sua preciosa vida tirou.

Todos os que cremos,
Um dia, sei que iremos
Juntos ao mesmo lugar.
Uma amizade tão bonita
Não pode, assim, acabar!

Deixou este mundo transitório.
Foi pra um lugar muito melhor
Onde, breve, nos veremos:
O lar de nosso Senhor,
A quem você tanto amou!

Homenagem ao querido amigo, meu irmão Dorival, que foi
morar com o Senhor no Paraíso até o dia da ressurreição, vítima
da violência e terror que imperam com ferocidade, provenientes
da incompetência de nossas autoridades.

Sobre o Autor

Em 23 de Setembro de 1959 nascia Miguel Rodrigues da Silva na fazenda Santa Maria, município de Terra Roxa, São Paulo. Em 1967, aos sete anos, é matriculado na Escola Mista da Fazenda Santa Maria, do Sr. Armando Clé. Morando no sítio Matão, passa a cursar a segunda série na Escola Mista da fazenda Paraíso em 1968, quando, no meio do ano, a família muda-se para a cidade. A professora não lhe dá transferência, retendo-o pelo resto do ano. Em 1969, passa a cursar a terceira série no Grupo Escolar de Viradouro. No início desse ano, a família muda-se para São Carlos, onde permanece quatro meses. Em 1973, vai para o seminário dos padres estigmatinos em Ribeirão Preto, onde fica por três ou quatro meses, retornando a Viradouro com a promessa de voltar mais tarde, o que nunca aconteceu. Em 1976, interrompe seus estudos por motivo de trabalho na lavoura.

Dos quatorze aos vinte e três anos foi roceiro, dos vinte e três aos vinte e seis, entregador de canas em uma usina da região, dos vinte e seis até trinta e quatro, caminhoneiro, e daí em diante professor de informática para adultos e crianças em escolas particulares e municipais.

Regressou aos estudos em 1992, aos trinta e dois anos, no CEES (Centro Estadual de Ensino Supletivo Hernani Nobre em Bebedouro), onde cursou da quinta série ao terceiro do colegial.

Prosseguindo seus estudos em 1995, cursou faculdade no primeiro, e em 96 no segundo ano de Letras, quando interrompeu seus estudos novamente por motivos financeiros, tendo concluído o segundo ano, trancando a matrícula no início de 1997. Voltou à faculdade em 2003 para concluir o terceiro ano, sendo ainda professor de computação numa escola municipalizada. Nesse mesmo ano prestou concurso para PEB II e foi aprovado, sendo convocado pelo Estado em 2007 e tomando posse do cargo de professor de Português em 2008, na cidade de Hortolândia, interior de São Paulo.

Casou-se aos vinte e um anos e, desse casamento, nasceram quatro filhos. Escreveu o primeiro livro aos trinta e cinco anos e, até o momento, consta-se dezesseis trabalhos completos e publicados.

Índice

Prólogo	11
Uma palavrinha	12
Neném	14
O Primeiro Filho	23
A Única Filha	26
Miguel	29
O caçula	31
Vizinhos	34
Religiosidade	38
Transições	41
Uma Nova Vida	45
Conquista Frustrada	49
“Vida” pobre	54
Adolescência	57
Sede de viver	61
Uma Nova Visão	63
Quatro homens, quatro destinos!	66
Pelejando para viver	68
A Triste Cidade Grande	70
Vida Efêmera	73
Um Novo Rumo	78
A desagregação, afinal!	80
Meu Depoimento	82
Armezindo	86
Um Anjo que te segue	90
Renovação	93

Cura da alma	96
Quem pode resistir ao Seu chamado?	99
A Hora do Salvador	102
Meditação	106
Duas naturezas	110
Uma Luz na Escuridão	114
Guerreiro do Senhor	116
A Prova da Fé	119
As Duas Faces da Verdade	124
Os Desígnios de Deus	126
Um Novo Começo	129
Na Obra do Senhor	132
Reveses	136
Galardão	139
Tentando Acertar	143
Quando não há mais jeito	145
Mexerico	148
Tempo de espalhar pedras	152
Características	155
Tempo de ajuntar pedras	158
O verdadeiro viver	161
A Hora da Dor	163
O Rugir da Tormenta	174
Estive Três Dias no Inferno	184
Confirmação	192
Conclusão	194
Sobre o livro “Aquela Primavera de 1972”	196

Prólogo

“Sem Medo de Viver” é uma obra simples como seu autor, mas, nem por isso, deixa de ter seu encanto, pois espelha toda a dimensão da sensibilidade d’alma de seu criador.

Escritor eclético, nesta obra, Miguel transfere a seus leitores a “senha” de seus sentimentos, formula a síntese de sua vida, seus desabafos, tropeços e ideologia, colocando-nos diante de sua desnuda realidade familiar e suas origens.

Contrariando a máxima de que tudo na vida é efêmero e, como tal, esgota, envelhece e morre, a leitura desta obra nos certifica do quanto é perene o sentimento sincero, aquele que, realmente, brota do mais íntimo do nosso ser. Este transpassa o tempo, supera as eventualidades da vida e forma o enigmático elo que nos liga à essência divina.

Miguel coloca como protagonista desta obra seu irmão Dorival, homem igualmente simples e sonhador que tenta realizar seus sonhos, e implantar sua ideologia a todo custo, lutando contra todas as adversidades que a vida lhe impõe e acreditando sempre que tudo o que é pensável é realmente possível.

Este é, afinal, o mistério da fé: a esperança da concretização de nossos sonhos e a certeza dessa esperança, mesmo nos dias mais nebulosos.

Sem dúvida, a leitura desta obra nos revela que, apesar de toda rudez da selva em que vivemos, ainda existem pessoas corajosas e extremamente otimistas que encaram todos os desafios da existência humana **sem medo de viver**.

Viradouro, 09 de janeiro de 2008.

Prof^a N. R. F.

Uma palavrinha

Na verdade, há um espírito no homem e a inspiração do Todo-Poderoso o faz entendido. Porém, morto o homem, é consumido. Sim, rendendo o homem o espírito, então, onde está ele?

Jó 32:8 e 14:10

Surpreende-me, às vezes, na brevidade da vida, como os entes queridos passam rapidamente por nós como um vento ligeiro e deixam um vazio tão profundo! Desde criança, sempre quis ser amigo de meus irmãos, mas sempre tive muita dificuldade para me relacionar com eles. Ora, não era compreendido; ora, não compreendia.

Então, já com quase trinta anos de idade, senti a aproximação do Dorival através do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, o Grande Salvador, e ficamos tão amigos, tão próximos, que quase morri quando ele se foi. E teria morrido mesmo, se o Senhor não viesse, pessoalmente, me salvar mais uma vez, como vocês logo verão, mais adiante nas páginas desse livro que resolvi escrever como um tributo à nossa amizade e à alma nobre e amorosa de meu irmão.

Fiz um breve apanhado do que foi a sua preciosa vida e já me sinto recompensado. Não sei se a história agrada a muitos, mas embora seja uma história “comum”, revela traços marcantes da busca incessante e o encontro maravilhoso de um homem com o seu Criador.

Um balanço feito após a sua breve vida revela uma alma totalmente equilibrada que deixou marcas profundas em muitas outras vidas transformadas pelo impacto de sua

passagem por esse mundo transitório onde podemos aprender a amar e a servir o nosso Bendito Salvador.

Espero que amem a história como amei e amo a personagem central, e que, de alguma maneira, a leitura possa ser útil na edificação e, quem sabe, na transformação de vidas para o Senhor.

Também desejo que, de alguma forma, as autoridades deem um jeito de acabar com a impunidade que traz tanta violência sobre os inocentes, os quais, ainda estão à espera de justiça.

Com carinho

O autor

Capítulo I

Neném

Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas.

Eclesiastes 11:5

Há mais de 70 anos, na cidade de Montes Claros, num fim de tarde, um pequerrucho olhava por trás de uma cerca de taboca e chamava a sua mãe para ver uma pequena comitiva que passava. Aquela rua já havia se tornado o caminho dos retirantes que vinham do sertão da Bahia e de outros confins nortistas em busca de dias melhores. Na frente da comitiva ia um senhor já bem maduro acompanhado por seus filhos adolescentes e seguido de perto por uma baiana geniosa que carregava, como todos, a parte da bagagem que lhe pertencia. Atrás dela, um pequeno jumento transportava, em seu dorso, como um rei majestoso, o pequenino Armezindo, de três anos de idade que, embora tenro em idade, sabia muito bem que fugiam de morte certa numa terra que havia sido destruída pela ganância humana ao longo dos anos.

Todos passaram sem sequer lançar um olhar para o pequenino e sua mãe que, do outro lado da cerca, olhavam assustados e curiosos a passagem daqueles peregrinos que iam em busca de seu destino, até então ignorado pela maioria do grupo, senão por todos.

No final daquela rua, onde havia um imenso aglomerado de pessoas, acharam um lugar para descansar os ossos e, enquanto Maria das Neves fazia um feijão para ajudar a descer uma farofa

bem suculenta, Joaquim Ricardo da Silva descia a rua para se informar sobre um caminhão que transportava retirantes para São Paulo.

- Sim, senhor, o pau-de-arara é meu! Cobro uma boa quantia para levar o senhor e a sua família.

- Mas isto é tudo o que tenho! Está bem! Vou tentar vender o jegue!

Pouco depois, estava de volta:

- Já paguei a passagem. Amanhã cedinho, subiremos nesse caminhão e ele nos levará a São Paulo.

Viajando num pau-de-arara até a cidade de São Paulo, Joaquim Ricardo da Silva resolveu que, dali por diante, se chamaria Joaquim Rodrigues da Silva e, quando fosse registrar os seus filhos, todos eles se chamariam Rodrigues da Silva também. Isso significava que nunca mais passariam por aquele caminho porque o vínculo com passado acabara de ser rompido.

Na estação da Luz, comprou passagens de trem para todos e viajaram até a cidade de Ibitiúva, onde morava um cunhado seu que migrara para São Paulo há muito tempo e estava bem de situação. Dali rumaram para a cidade de Terra Roxa e habitaram, como colonos, numa fazenda chamada Santa Maria.

O pequeno Armezindo cresceu e se tornou homem ali. Ainda, quase menino, ele já era um trabalhador rural de muito potencial físico. Depois de adulto, ouviu falar de uma família na qual havia muitas moças bonitas e premeditou ir conhecê-las num baile que acontecia sempre na fazenda Caxambu.

Tal como planejou, ele foi e conheceu uma mocinha muito acanhada chamada Terezinha. Enamorou-se dela e assim mais uma família se formou na fazenda Santa Maria.

20 de outubro de 1956.

Às margens de uma estrada poeirenta, no caminho que conduzia da pequenina cidade de Terra Roxa ao Rio Pardo, ficava o

primeiro casarão camponês da fazenda Santa Maria. Era o primeiro porque ficava bem na entrada que dava para a sede da fazenda. Este era separado apenas por uma parede, razão pela qual se dizia que moravam em parede e meia e era dividido por Armezindo e outro colono. À sua esquerda, ficava um pequeno caminho batido, o qual levava à morada do Sr. José Rodrigues da Silva, uma casa que ficava ao lado de uma extensa plantação de odorosos eucaliptos, conhecidos pelos colonos da época como “chorões”. Quando essas plantas recebem uma rajada de vento, suas folhas fazem um ruído característico e parecem estar “gemendo”.

Além dos eucaliptos, ficava o lugar onde o gado vinha pastar, calmamente, até a hora de se apartarem os bezerros. Do lado de cima da estrada, ficava a plantação de algodão de uma família de japoneses, os Nacamura, que eram proprietários do sítio vizinho à direita do casarão antes mencionado. Logo mais abaixo, ficava uma extensa plantação de goiabeiras que terminava onde começava o brejo, cortado por um estreito caminho batido que culminava na sede da fazenda.

Um austero inverno acabava de mostrar seus rigores numa estação que deixava sempre marcas indeléveis em pobres criaturas desprovidas de recursos como a família Rodrigues da Silva, moradores do casarão à beira da estrada que ligava a pequenina Terra Roxa ao Rio Pardo e à cidadezinha de Viradouro, devido a um salário abaixo do mínimo e das vantajosas “meias” que os patrões exerciam sobre os colonos cultivadores de suas terras.

A primavera, com seus encantos, havia chegado há quase um mês e, com as flores, trazia a emanção da vida, pois nesse dia primaveril nascia Dorival, segundo filho de Armezindo e Terezinha, na fazenda Santa Maria.

Sua chegada ao mundo se deu num dia festivo para os sonhadores pais, mas em tempos difíceis, pois o trabalho pesado continuava sendo um martírio para os pobres sertanejos que não ganhavam o suficiente para, pelo menos, pensar em ter mais do que um filho.

Nascido de pais iletrados e não conscientizados da importância do planejamento familiar, não somente para o sustento, mas também para a educação, tudo o que ele aprendeu, desde pequenino, foi ver o pai indo para a roça, a qual não passava de uma vantajosa “meia” para o patrão, pois este acabava ficando com o lucro, enquanto o trabalhador ficava apenas com o cansaço.

Quando nasceu, foi apelidado de Neném, porque era o caçula, e assim ficou conhecido, não somente pela família, mas por todos aqueles com quem viesse a se relacionar.

Neném mostrou ser uma criança cheia de entusiasmo pela vida. Ele parecia ser dono de uma fonte de energia inesgotável, pois quando ainda bebê, nem o berço conseguia contê-lo. Se despertasse no meio da noite, levantava-se segurando na grade do berço e o balançava furiosamente como se quisesse usá-lo como uma catapulta para atravessar as telhas paulistinhas que cobriam o imenso casarão onde vivia o seu pai, a sua mãe e o irmão mais velho, Joaquim.

Ele não podia compreender aquilo, assim como também não compreendia uma série de outras coisas que aconteciam ao seu redor, tais como: ter uma vida tão pobre como a de seu pai, que mal possuía uma bicicleta para andar enquanto o patrão vinha num carrão com o qual chegava sempre à porta de sua casa quando precisava que lhe fizesse algum trabalho fora do expediente gratuitamente, pois ninguém sabia o significado de hora extra. Ou, por que a sua mãe andava sempre com aquelas roupas velhas e desgastadas e os doces apareciam fracos e minguados somente aos sábados quando o seu pai ia à cidade fazer compras. Ou, por que o patrão tinha filhos saudáveis e elegantes, sempre bem vestidos e perfumados, enquanto eles vestiam as sobras de alguém, que era sempre tão pobre quanto eles, brincando com a chamada “cabia”, a qual era um pedaço de madeira cortado em forma de uma jardineira, na qual se punham carretéis de linha vazios para simular um carrinho ou um caminhãozinho, nem por que o seu pai vivia sempre nervoso e qualquer coisa era motivo para irritação; nem por

que a coisa mais rara do mundo era ver a sua mãe sorrindo, e era tão fácil vê-la chorar. Não entendia por que o Papai Noel só ia à casa dos vizinhos remediados e deixava lindos presentes em troca do capim que as crianças colocavam embaixo da cama, quando, ao imitar tais crianças, ele e o seu irmão Joaquim sempre encontravam o capim murcho no mesmo lugar em que o deixavam. Que vida injusta!

Mas o que poderia dizer alguém que acabara de chegar ao mundo e não tinha a menor consciência da realidade à sua volta? Alguém que via a vida de uma forma tão linda e desejosa de ser vivida? Para ele, era só uma questão de tempo e conseguiria o mesmo estilo de vida dos demais, e, se não conseguisse, isso não parecia tão importante porque o que lhe interessava mesmo era viver intensamente e fazer todas as travessuras imaginadas, mesmo que isso lhe custasse de vez em quando uma surra do pai ou da mãe.

As flores da primavera mostravam a exuberância da natureza e o verdadeiro vigor da vida nas cores tão bem expostas nas árvores, nos cipós floridos, nos arranha-gatos, nas intermináveis paineiras do sertão, nas perfumadas flores de São João, nos imensos capinzais dos barrancos que circundavam as estradas de poeira, e na sede insaciável de viver de um garotinho recém-chegado ao mundo para dizer a si mesmo: “Seja bem-vindo à vida!”

A verdade era que o seu pai estava sempre nervoso porque nada dava certo para ele. A frustração parecia ser uma constante na vida daquele homem. A única coisa que sabia fazer era “tocar” roça, pois havia saído da escola aos nove anos de idade para ajudar os pais na lavoura, pensando em prosperar, mas havia sempre um espírito amarrando a sua vida porque ele nunca conseguia juntar nada. Uma hora era doença em casa, outra, um patrão esperto; outra, faltavam recursos ou o próprio clima não ajudava, e ele estava sempre em dificuldades com a esposa quase sempre doente e os filhos chegando quase sem parar. A falta de esclarecimento e orientação contribuía para que enchesse a casa de fi-

lhos, mesmo que não possuísse recursos para criá-los, e isso só não aconteceu porque Terezinha teve cinco abortos involuntários, além de outros, provocados por sua sogra Maria Baiana.

20 de janeiro de 2007.

Caminho pelas ruas da cidade com um nó na garganta enquanto me lembro dos últimos acontecimentos que são exibidos pelo projetor de minha memória como se fosse o palco iluminado de um cinema luxuoso. A toda hora, vejo o meu irmão falando, rindo, caminhando... As pessoas que encontro na rua me saúdam, e eu, roboticamente, respondo com um aceno de cabeça, o olhar sério, esforçando-me para esboçar ao menos um sorriso. A mágoa ainda é uma constante pela ausência de uma criatura tão querida que deixou esse mundo de forma tão trágica e inesperada enquanto trabalhava para levar o sustento à sua família e para ter sempre condições de dar um presente para as duas netinhas que amava extremosamente.

Enquanto saúdo as pessoas, vejo o meu irmão sentado em sua poltrona, falando comigo e sorrindo seu sorriso cavalheiro com muita classe, muita elegância, muita alegria, muita amizade e muita polidez. Ele sempre vinha me encontrar na varanda ou mesmo na rua onde me acolhia num abraço fraterno e amigo, e fazia questão de demonstrar claramente o seu bom humor, sempre com o rosto iluminado por um largo sorriso. Sempre tinha um CD, um livro, um DVD ou qualquer outra coisa que desejava me mostrar mesmo antes de usar tais objetos. Onde começou essa linda amizade? Como foi que tudo isso aconteceu?

20 de dezembro de 1957.

Enquanto o travesso Dorival brincava com a “cabia” no quintal de sua casa sob o imenso pé de conde, onde as crianças da vizinhança tinham os seus balanços e a sede de suas travessuras,